

DADOS PRELIMINARES DA BIOLOGIA DO GAVIÃO-CARIJÓ (*Rupornis magnirostris*, Gmelin, 1788) NA REGIÃO NOROESTE DO PARANÁ

Willian Menq dos Santos¹; Fábio Rogério Rosado²

RESUMO: O Gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*) está presente em todo o Brasil, habita campos abertos, borda de matas e áreas urbanizadas, sendo um gavião bastante comum e bem adaptado aos impactos ambientais. Alimenta-se de artrópodes e pequenos vertebrados. O objetivo deste estudo foi apresentar informações de campo sobre a biologia do gavião-carijó, além de apontar algumas questões sobre ameaças e medidas para preservação desta espécie. O trabalho foi realizado de novembro de 2007 a outubro de 2008 nos municípios de Peabiru e Maringá, e localizados na região noroeste do Paraná, Brasil. Outra parte dos dados foi obtida no trabalho de levantamento das aves de rapina diurnas do noroeste paranaense executado no mesmo período. A coleta dos dados foi realizada por meio de identificação direta, por reconhecimento visual e auditivo. O gavião carijó foi observado em todos os ambientes estudados se mostrando uma espécie bastante comum, foi possível coletar informações de toda sua biologia. Essas observações nos permitiram inferir algumas considerações que podem contribuir para a conservação da espécie na região do estado.

PALAVRAS-CHAVE: Aves de rapina, Falconiformes, Gavião-carijó.

INTRODUÇÃO

O Gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*, Gmelin, 1788) se distribui desde o México até a Argentina, presente também em todo o Brasil (FERGUSON-LES e CHRISTIE, 2001), sendo uma espécie bastante comum e bem adaptada às ações antrópicas, podendo ser facilmente encontrado habitando os centros urbanos (SANTOS, 2008). Apresenta uma grande variação de cores na plumagem, conforme a região do país. Em qualquer uma, no entanto, destaca-se o peito finamente barrado da barriga e a cauda com várias faixas claras em contraste com as faixas cinza escuro ou negras (ANTAS, 2005). Machos e fêmeas são praticamente iguais exceto em relação ao tamanho, sendo a fêmea maior. O nome popular "gavião-carijó" refere-se ao padrão de estrias encontrado no peito.

Habita campos abertos, borda de matas, capoeiras, margens de rios e lagos e áreas urbanizadas. Alimenta-se de grandes insetos, lagartixas, pequenas cobras e aves tais como rolas e pardais e também pode apanhar morcegos em seus pousos diurnos (SICK, 1997). Este gavião é extremamente territorial, anuncia sua presença vocalizando e circulando em vôos altos, aproveitando as correntes de ar quente (SICK, 1997). Quando o casal está em vôo de patrulha territorial, um responde ao outro durante vários minutos,

¹ Acadêmico do curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. Integrante do Programa de Iniciação Científica do Cesumar (PICC). willianmenq@avesderapinabrasil.com

² Docente do curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR fabiorosado@cesumar.br

além desse chamado, possui um grito de alerta característico, emitido assim que qualquer intruso chega ao território (ANTAS, 2005). Assim como outras aves de rapina, o gavião-carijó tem um papel indispensável no equilíbrio da fauna como reguladores da seleção, evitam uma superpopulação de roedores e aves pequenas além de eliminar indivíduos defeituosos e doentes (FERGUSON-LES e CHRISTIE, 2001).

O objetivo principal deste trabalho foi apresentar informações de campo sobre o gavião-carijó em dois municípios da região noroeste do estado do Paraná, Brasil, sobre sua biologia além de apontar algumas questões sobre as principais ameaças que a espécie vem sofrendo. Também são discutidas algumas medidas para sua conservação.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo: O trabalho foi realizado em dois municípios da região noroeste do Paraná Maringá (23° 25' S, 51° 56' O) e Peabirú (23° 54' S, 52° 20'O). A região é basicamente composta por pastagens e atividades agrícolas (STRAUBE et al., 1996). As cidades estão sob o domínio da floresta estacional semidecidual, é um tipo de formação vegetal do bioma da mata atlântica (SOS MATA ATLÂNTICA, 2008). Como característica essa vegetação apresenta duas estações bem definidas: uma chuvosa e outra seca (CAMPANILI & PROCHNOW, 2006). Devido ao avanço desenfreado da agricultura na região, essa vegetação foi rapidamente reduzida a pequenos remanescentes esparsos e bastante fragmentados, restando atualmente menos de 2% da cobertura vegetal original (ANJOS, 1998). De acordo com os critérios de Koeppen as cidades possuem o clima regional típico Cfa: tropical-subtropical (PEEL et al., 2007).

O estudo com o gavião-carijó foi realizado entre novembro de 2007 a outubro de 2008. A coleta dos dados foi realizada por meio de identificação direta, reconhecimento visual com auxílio de binóculo 10-30x50, identificação de vocalizações, além dos encontros eventuais durante o deslocamento pelo território dos municípios estudados visitando os mais variados habitats Outra parte significativa dos dados foi obtida no levantamento das aves de rapina da região noroeste do Paraná executado entre janeiro de 2005 a março de 2008.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O gavião-carijó foi observado em todos os ambientes estudados, apresentando ser bastante comum na região e bem adaptado aos impactos ambientais causados pelo homem. É sem dúvida o gavião mais comum de Maringá e Peabiru, podendo ser visto o ano todo voando em círculos sobre as cidades, tanto na região urbana quanto nas regiões rurais.

Em Maringá é comum a presença da ave nas primeiras horas do dia circulando em vôos altos aproveitando as correntes de ar quente para ganhar altura. Geralmente quando estão forrageando vocalizam seu grito territorial característico, uma espécie de “risada” longa e ascendente. No centro de Maringá o gavião-carijó habita as áreas da cidade que apresentam maior concentração de vegetação (como é o caso do Parque do Ingá, do Bosque II e do Horto Florestal). Em Peabiru, cidade menos urbanizada, o gavião-carijó é facilmente visto em todo o município. Apesar de sua grande adaptação no centro das cidades, este gavião ainda dá preferência pelas árvores para realizar sua reprodução

Em Maringá foi visualizado em Setembro de 2008 um *Rupornis magnirostris* voando com uma pequena ave não identificada que acabara de capturar, devido ao pequeno tamanho e coloração a ave provavelmente tratava-se de um indivíduo imaturo. A captura por aves imaturas foi visualizada em diversas ocasiões no município, pois esse gavião, bastante oportunista, dá preferência a presas mais fáceis de capturar como é o caso da captura de filhotes de outras aves. No município de Peabiru foi registrado um

indivíduo carregando uma cobra cega (*Amphisbaena alba*) até o ninho para alimentar a fêmea. Em outra oportunidade viu-se um gavião-carijó com uma ave entre as garras e sendo afugentado por pica-paus do campo (*Colaptes campestris*) da área onde se encontrava. Pica-paus, bem-te-vis, tesourinhas e outras aves reagem sempre com agressividade na presença de gaviões-carijós e outras aves de rapina, tentando afugentá-los do local, pois sua presença é ameaçadora para essas aves. Em Peabiru registrou-se esta espécie se alimentando de um roedor (Figura 1) e em outra ocasião uma pomba-amargosa *Zenaida auriculata* (Figura 2), ambas presas espécies nocivas a agricultura, mostrando a eficiência deste gavião no controle dessas espécies consideradas pragas pelo homem.



Figura 1. Indivíduo de *Rupornis magnirostris* se alimentando de um roedor, Foto: Willian menq. Peabiru-PR.



Figura 2. Indivíduo de *Rupornis magnirostris* se alimentando de uma pomba-amargosa *Zenaida auriculata*. Foto: Willian menq, Peabiru-PR.

Em Peabiru no trabalho realizado sobre o levantamento de aves de rapina na região, foi acompanhada a nidificação de um casal de gaviões-carijó em uma pequena mata ciliar (23°54'S, 52°21'W) na região rural do município, em 2006. O casal construiu o ninho em uma forquilha próxima à copa da árvore, estima-se que o ninho estava a uma altura de 4 m do solo. O ninho foi construído com gravetos secos e alguns ramos verdes.

O macho ficava sempre nas proximidades em árvores mais altas da mata para obter um maior campo de visão da área, vocalizando sempre em sinal de alerta na presença de algum intruso. Neste registro de nidificação verificou-se a postura de dois ovos, os dois ninhegos nasceram, mas somente um sobreviveu (Figura 3). Provavelmente foi vítima de fratricídio (morte pelo próprio irmão) ou o mais novo não conseguiu competir por alimento com o irmão maior, fato que ocorre com frequência entre as aves de rapina (MEYBURG, 1974). Nesta mesma mata ciliar foi verificada em quatro anos consecutivos (2005 a 2008) a presença de gaviões carijós nidificando na área, mostrando a lealdade que eles têm a seu território.



Figura 3. Filhote de gavião-carijó *Rupornis magnirostris* no ninho. Novembro de 2006.

Essa espécie é sem dúvida extremamente territorial, principalmente no período reprodutivo. Quando algum intruso se aproxima da área de nidificação o gavião anuncia sua presença com sua vocalização de alarme “pinhée”. Quando o intruso persiste, o gavião realiza vôos rasantes podendo atacar o invasor se utilizando de suas garras afiadas. Em Maringá no seu período de reprodução, os gaviões defendem a prole contra qualquer intruso que se aproxima da árvore (inclusive o homem).

CONCLUSÃO

O gavião-carijó vem sofrendo diversas ameaças na região. Dentre as principais ameaças para este espécie, talvez a principal seja referente à má fama que essas aves têm entre a população. Outra ameaça para esta espécie é o abate indiscriminado, pois são consideradas prejudiciais para as criações domésticas, e como essa espécie habita campos abertos e centros urbanos se torna alvo fácil de caça. Apesar do gavião-carijó ser uma espécie comum, a perseguição contra esses animais pode gerar uma série de desequilíbrios ecológicos. Tais dados da sua biologia poderão ser utilizados em programas de conservação e servem de grande contribuição a ornitologia brasileiras, já que esta espécie conta com poucos dados na literatura.

REFERÊNCIAS

ANJOS, L. (1998) *Conseqüências Biológicas da Fragmentação no Norte do Paraná*. Instituto de Pesquisa e Estudos Florestais, v. 12, n. 32, p. 87-94.

ANTAS, P. T. Z. (2005) *Aves do Pantanal*. RPPN: Sesc. Disponível em: <<http://www.avespantanal.com.br>> Acesso em: Março de 2008.

CAMPANILI, M. & PROCHNOW, M. (2006) *Mata Atlântica – uma rede pela floresta*. 1º edição. Brasília. RMA, p. 58-72.

FERGUSON-LESS, J. & CHRISTIES, D. A. (2001) *Raptors of the world*. New York: Houghton Mifflin Company.

MEYBURG, B.U. (1974) *Sibling aggression and mortality among nestling eagles*. *Ibis*, v. 116:224-228.

PEEL, M. C.; FINLAYSON, B. L.; MCMAHON, T. A. (2007) "*Updated world map of the Köppen-Geiger climate classification*". *Hydrol. Earth Syst. Sci*, v. 11: 1633-1644.

SANTOS, W. M. *Site Aves de Rapina Brasileiras – Brazilian Raptors*. Disponível em: <<http://www.avesderapinabrasil.com>> Acesso em Outubro de 2008.

SICK, H. (1997) *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

SOS MATA ATLÂNTICA. *Atlas da Mata Atlântica – fisionomias vegetais*. Disponível em: <<http://www.sosmatatlantica.org.br/index.php?section=atlas&action=atlas>> Acesso em março de 2008.

STRAUBE, F. C; BORNESHEIN, M. R.; SCHERER-NETO, P. (1996) *Coletânea da Avifauna da região Noroeste do Estado do Paraná e áreas limítrofes (Brasil)*. *Arq. Biol. Tecnol.*, Curitiba, v. 39, n. 1, p. 193-214.